

À memória de Luiz Fernando Souza Santos e das mais de 600 mil vidas que se foram no Brasil durante a pandemia

Marco Tobón¹
Murillo Van Der Laan²

Esta é uma lembrança sobre a ausência física de um pensador e lutador amazonense. Também é a constatação de sua presença viva através de suas ideias-ações. Luiz Fernando Souza Santos (1966-2021), Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFAM, colega do doutorado em Sociologia na UNICAMP, interlocutor cativante, cientista brilhante, crítico severo de qualquer forma de opressão, estudioso obcecado da Amazônia e das estruturas de poder político e econômico do Brasil, amante do rock e da literatura, sempre fiel ao humor e aos modos de vida dos indígenas da Amazônia, foi vítima da COVID-19 na cidade de Manaus, em 11 de março de 2021. O fato de morrer afetado por um vírus na Amazônia expõe a feroz contradição que o mesmo Luiz Fernando impugnou e enfrentou: o avanço de uma política macabra que nega a vida, que nega a ciência, que nega a sensatez.

Luiz Fernando nasceu em 1966 num Brasil controlado por militares predadores, e morre também num Brasil dirigido por militares incompetentes, impostores e infames. Esta condição permite-nos entender que sua vida foi sempre desafio, urgência de mudança e luta permanente. Isto fica claro no sentido da homenagem que faz seu amigo Mestre Yoda, lembrando a época em que Luiz Fernando era um jovem estudante universitário:

¹ Antropólogo. Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. Pesquisador Pós-doutoral no Departamento de Antropologia – UNICAMP.

² Doutor em Sociologia pela UNICAMP.

Ouvi de sua família uma história que parecia a minha própria, das marcas de barro que Luiz Fernando deixava pelos corredores da UFAM, denotando sua chegada. Morador da Zona Leste, como ele, também fomos estrangeiros, em alguma medida, na vizinhança, com uma fala estranha, com umas ideias estranhas, uma mania de querer que o trabalhador acredite que a condição de exploração, de pobreza, não é inexorável, que é possível transformá-la. Mania de gente doida! Aliás, Cara de Doido era exatamente o apelido dele na universidade.

Como muitas pessoas nascidas na Amazônia, os passos de Luiz Fernando são daqueles que, inevitavelmente, pisam a terra, pisam a lama, passos capazes de deixar marcas, marcas nos caminhos, nos outros, na história, no mundo. Seu amigo Mestre Yoda o chamava de “Florestan do Amazonas”, justamente porque seu trajeto vital, como o do sociólogo paulista, é o de um garoto filho de trabalhadores precarizados, filho de mãe solo, olhando sempre no horizonte a luta por seus direitos, encontrando na literatura e nas obras de Marx e Engels as ferramentas para escutar a realidade e compreender seus caminhos de transformação. Na UNICAMP lembramos muito bem de Luiz Fernando na biblioteca mergulhado, com deslumbramento e paixão, na obra de Florestan Fernandes, interlocutor central para sua tese de doutorado em sociologia *Entre o mágico e o cruel: a Amazônia no pensamento marxista brasileiro* (2018). Uma tese cheia de criatividade própria das Ciências Humanas latino-americanas, na qual são invocados Borges, Kafka, Shakespeare, Balzac, Tolstói, Flaubert, Euclides da Cunha, Ferreira de Castro, companheiros literários na aventura da existência. Sua sensibilidade com o mundo é inegável, inclusive sua tese começa cantando Belchior:

— A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte
Que no sul viveu na rua
Que ficou desnordeado, como é comum no seu tempo
Que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
Que ficou apaixonado e violento como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você que me ouve agora
Eu sou como você.

Na tese de Luiz Fernando, que constitui uma referência central para a compreensão da Amazônia como centro geopolítico global, se discute como nesta região a humanidade se depara entre a autodestruição capitalista irreversível ou as saídas ecossocialistas para a construção de modos de vida dignos. Luiz Fernando adverte que a Amazônia, por ser um conjunto ecológico estratégico das agendas políticas planetárias, é precisamente um alvo permanente de ataques. No alarmante informe do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), de 9 de agosto desse ano, a chamada crise climático-ecológica é explicada perdendo de vista o que a tese de Luiz Fernando e os movimentos sociais tem chamado a atenção, os conflitos associados às mudanças climáticas têm a ver com o projeto avassalador de conceber os territórios e os ecossistemas, especificamente a Amazônia, como um estoque de matérias primas à disposição do capital. O argumento de Luiz Fernando elucida o núcleo de tensão geopolítico atual na Amazônia, tratada como o lugar de acumulação primitiva, “onde, em favor do capital industrial e financeiro as bases de uma racionalidade jurídica, científica, política, são solapadas. Estamos diante de uma Amazônia-mercadoria”. A tese de Luiz Fernando é consulta obrigatória não só para compreender os conflitos que se sucedem sobre a Amazônia, mas também para achar

as ideias, valores e modos de atuação que agem como antagonistas das políticas de morte sobre o Brasil, país Amazônico.

No seu processo de formação-atuação Luiz Fernando entendeu bem o potencial de transformação dos pensamentos e modos de vida indígenas, inclusive foi um dos principais responsáveis pelos projetos de docência entre os povos indígenas, como afirma Israel Duarte numa nota que celebra a vida de Luiz. Foi ativo professor entre diversas aldeias e distintos povos, impulsionando as condições para a qualificação da consciência política na floresta profunda. Como ele mesmo insistia, os povos indígenas são manifestação das forças que se opõem às pretensões de continuar transformando a terra em mercadoria. Sendo coerente com a décima primeira das *Teses sobre Feurbach* de Karl Marx – “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de diversas formas, trata-se agora de transformá-lo” – Luiz Fernando sempre criticou o fetichismo do conhecimento livresco e decidiu, sendo fiel a seus princípios, participar como dirigente da Associação de Docentes da UFAM (ADUA), do PSOL e do MES (Movimento Esquerda Socialista) no Amazonas.

Para o Cadernos Cemarx, Luiz já havia contribuído com o artigo *Para além dos movimentos de questão única: a encruzilhada da fragmentação e da totalidade*, publicado no número 8 (2015) da revista. Para o presente dossiê sobre questões raciais e étnicas, Luiz planejava escrever um artigo que abordaria os conflitos que afetam os povos da Amazônia, mas já sabemos que o cerco atroz das políticas de morte terminou se interpondo. O texto que reproduzimos abaixo, *As raízes de uma Manaus sem ar e de vacina para os ricos*, foi publicado pela primeira vez na *Revista Movimento*, em meados de janeiro desse ano. Nele, presenciamos a voz de alguém que compreende a profundidade das forças da fatalidade que se abatem sobre seu mundo: “fomos lançados no olho do furacão das consequências mais letais da pandemia pelo Sars-Cov-2. Minha escrita mesma é construída agora sob o sopro da morte, que atingiu minha família e atinge os lares da cidade”. Identifica os responsáveis, interpela seus argumentos e impugna suas ações genocidas. Sua

voz é um chamado a enfrentar o colapso gerado pelo ódio classista e a mediocridade corrupta. Seu pensamento é lúcido e contundente, invoca Balzac para retratar o comportamento vil das castas mais ricas de Manaus. Seu oxigênio sempre foi a determinação de luta e a vontade de explicar o mundo que nos foi dado e no qual tivemos a sorte de conhecer Luiz Fernando.

A memória viva de Luiz Fernando, seu pensamento e seu exemplo, habitam entre nós.

Para conhecer os textos de opinião e crítica escritos por Luiz Fernando Souza Santos ver: <https://movimentorevista.com.br/a/luiz-fernando-de-souza-santos/>).

Referências bibliográficas

SANTOS, Luiz Fernando Souza. *Entre o mágico e o cruel: a Amazônia no pensamento marxista brasileiro*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331257>.

SANTOS, Luiz Fernando Souza. Para além dos movimentos de questão única: a encruzilhada da fragmentação e da totalidade. *Cadernos Cemarx*, Campinas, SP, n. 8, p. 103-118, 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10901>.

DUTRA, Israel. “Um brilho raro no céu manauara”. *Revista Movimento*. 19 mar 2021. Consultado o 15 de outubro de 2021 em: <https://movimentorevista.com.br/2021/03/um-brilho-raro-no-ceu-manauara/>.

MESTRE YODA. “Luiz Fernando Souza Santos: Florestan do Amazonas”. *Nexo, Prosas e Rock n’ Roll. Aprecie, conheça, grite!*, 14 de março de 2021. Consultado o 15 de outubro de 2021 no blog: https://nexopro.wordpress.com/2021/03/14/luiz-fernando-souza-santos-florestan-do-amazonas/?fbclid=IwAR3RawWUbwMkkQ9WVGVHG4Q69Ho7Hs1m_K4IaIzJdspOYqBUNTd4-c99Ios.

As raízes de uma Manaus sem ar e de vacina para os ricos

Luiz Fernando Souza Santos³

Passamos em Manaus por dias de turbilhão. Fomos lançados no olho do furacão das consequências mais letais da pandemia pelo Sars-Cov-2. Minha escrita mesma é construída agora sob o sopro da morte, que atingiu minha família e atinge os lares da cidade. Mas, onde estão as determinações das condições em que nos encontramos?

Para não ir tão longe numa visada na linha do tempo, embora seja possível, vou lembrar aqui brevemente do governo de José Melo. Nunca será demais apontar o esquema fraudulento que este governador montou para pilhar recursos da saúde pública no Amazonas. Um esquema milionário que envolveu o governador e empresários que exploravam o setor de saúde. Quando a Polícia Federal estourou o esquema criminoso o chamou de Operação Maus Caminhos.

À época desta pilhagem, David Almeida era o líder do governo na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM). Qualquer denúncia contra o governo era atacada por seu líder de forma raivosa e destemperada na tribuna. David Almeida se tornou Presidente da ALEAM. O então deputado Sabá Reis passou a ser líder de José Melo. Meses depois, o Zé Merenda (como é conhecido Melo por conta de superfaturamento de produtos da merenda escolar quando foi Secretário de Educação do Estado) foi preso e teve seu mandato cassado. David Almeida, ao assumir interinamente o governo do Estado, afirmou que daria continuidade à gestão de Melo. Sabá Reis continuou como líder de governo.

³ Doutor em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas. Texto publicado pela primeira vez na Revista Movimento. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2021/01/as-raizes-de-uma-manaus-sem-ar-e-de-vacina-para-os-ricos/>.

O tempo passou. Veio a pandemia e o Estado que teve seus recursos para a saúde roubados não estava preparado para enfrentá-la. Na primeira onda não havia leitos nos hospitais, insumos básicos. Cenas dantescas foram inevitáveis. Mortos empilhados em contêineres ou espalhados em corredores de hospitais, valas coletivas, etc. O atual governador Wilson Lima é, também, personagem ativa no roteiro de horror, assim como a política genocida de Bolsonaro, mas não vou explorar isso aqui (já o fiz em outras publicações).

No segundo semestre de 2020 houve a corrida eleitoral para a Prefeitura de Manaus e Câmara de Vereadores. Concomitante às eleições a pandemia continuava, suas taxas de infecção e de óbitos foram manipuladas de modo a apresentarem um cenário de que estava tudo bem. Pesquisadores alertavam para o perigo, defendiam uma política de isolamento social, de lockdown, que nunca ocorreu.

David Almeida foi eleito. O líder, fiel escudeiro, do ex-governador preso na Maus Caminhos, agora saía eleito Prefeito de Manaus. Ao tomar posse, a escalada acelerada de contágio pelo coronavírus já estava posta. Em poucos dias, um cenário pavoroso que de longe empalideceu a primeira onda do vírus em Manaus explodiu. Não há oxigênio nos hospitais. Na capital e no interior as pessoas estão morrendo sem ar. O Amazonas é tal qual um campo de concentração, no qual seus governantes e administradores são como soldados da SS e, a massa da sociedade local, aquela que deve morrer asfixiada.

Dias antes do colapso do fornecimento de oxigênio no Amazonas, a empresa fornecedora havia comunicado do aumento da demanda em razão da escalada de contágio e dos riscos de desabastecimento. O governo Bolsonaro sabia. Quando o Ministro Pazuello esteve em Manaus, já tinha esse informe, mas, ao invés de traçar uma política para prevenir tal colapso, foi deliberadamente omissivo. Fez propaganda do “tratamento precoce” com kit de remédios sem eficácia para os efeitos do COVID-19. Foi embora. Quatro dias depois, Manaus ficou sem oxigênio.

A chegada da vacina abriu os portões do inferno que deixaram à mostra todo o ódio de classe dos governantes do Amazonas e de Manaus. O plano de vacinação revela-se um engodo, uma mera formalidade, pois a vacina é para as classes ricas do lugar. Sob o comando do Prefeito David Almeida, filhas e filhos dos ricos, empresários e políticos foram vacinados. Sabá Reis, que junto com David Almeida, foi líder do governo de José Melo, é agora Secretário de Limpeza Pública do município. Sabá Reis furou a fila e recebeu a primeira dose da vacina.

A Operação Maus Caminhos, a primeira onda do vírus, com pico nos meses de março e abril de 2020, a explosão de contágio e mortes sem oxigênio nesse início de ano e a vacinação dos poderosos, pelo exposto aqui, revelam que a letalidade do Sars-Cov-2 em Manaus e diversas cidades do interior não se explica exclusivamente pelas determinações biológicas do mesmo, mas por sua articulação numa rede de corrupção, de roubo da coisa pública e, fundamentalmente, de um escancarado ódio das classes mais ricas do lugar contra os trabalhadores, os pobres, os indígenas, os idosos etc.

As cidades do Amazonas estão sitiadas pelo vírus e por um projeto de morte bancado pela política reacionária e pelos ricos arrivistas. Não há uma pessoa sequer das classes subalternas na capital do Amazonas que não tenha um morto para chorar. Balzac parecia antever a Manaus de nossos dias com suas classes ricas a escarnecer da miséria dos debaixo quando, em *Ilusões Perdidas*, escreveu: “velhas famílias dependuradas em seu rochedo como corvos ressabiados. (...) Escarnecedoras, denegridoras, avaras. (...) Famílias que sofrem de um monarquismo burro, devotamente fanáticas”.

O roubo dos recursos destinados à saúde, a negação de políticas de isolamento social, a ausência de renda mínima para os mais pobres numa escala temporal que acompanhe o desenrolar da pandemia e em seus desdobramentos a posteriori, tratamento precoce sem base científica, colapso do fornecimento de oxigênio e a vacinação dos mais ricos, apontam para a potencialização dos efeitos letais do Sars-Cov-2

por um projeto que se assenta no ódio-pânico dos donos do poder nos sertões amazônicos. Contra o ódio de classe destes últimos, a alternativa é a organização da classe que vive do trabalho para tomar as ruas.

No momento em que escrevo este texto as ruas do país são tomadas pela Carreata Fora Bolsonaro. No Amazonas, uma Frente Cabana, que reúne diversos partidos de esquerda, lideranças indígenas, pastorais sociais, sindicatos, estudantes etc. também vai às ruas. A Carreata Fora Bolsonaro local apresenta três bandeiras: pague o auxílio, vacina já! e oxigênio.

Na cidade sem oxigênio, a reversão do atual quadro de morte passa por derrotar aqueles que estão no poder.

Fora, Bolsonaro!

Fora, Wilson Lima!

Fora, David Almeida!